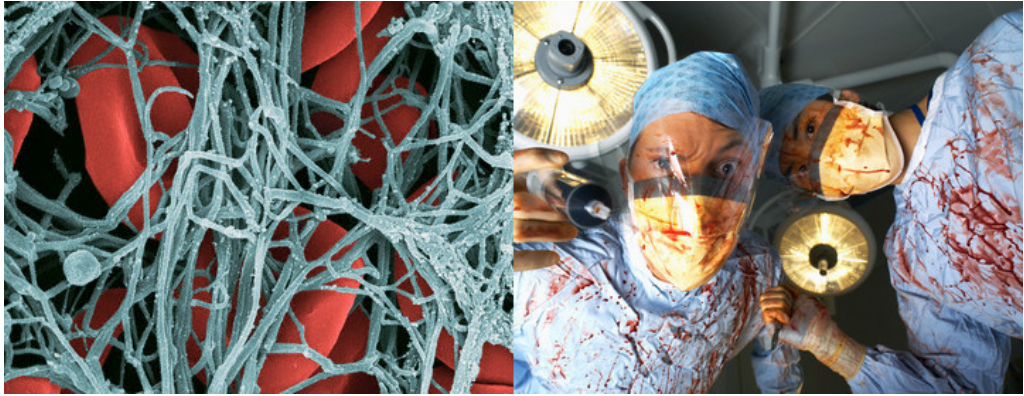


O Ouv^{ido} de MAXWELL

pare escute sinta



emissões: 25 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 2007

25 O doce vício da hemoglobina: Há sangue na rádio. Vamos fazer uma matança.

O ouvido vampiro: sugar o sangue todo dos sons sanguinários até ficar exangue.

Genérico

Inês

soundscape: Seu Jorge canta "Cheterton" de Serge Gainsborough

soundscape: Início de um episódio da série radiofónica *Secrets of Scotland Yard* intitulado *Buckets of Blood*

soundscape: Cena da versão castelhana de *Dracula* (1931) realizado por Eduardo Arozamena: Renfield corta-se com a faca do pão e Drácula oferece-lhe vinho.

soundscape: som de arquivo do programa da Emissora Nacional *Companheiros da Alegria*: anúncio do vinho *Sanguinal*

soundscape: Cena do filme de Sam Peckinpah *Iron Cross* (1977):
Batalha final. Conversa entre o capitão Stransky (Maximilian Schell)
e o sargento Steiner (James Coburn).

[O título]

O doce vício da hemoglobina: Há sangue na rádio. Vamos fazer uma matança.
(5.42) 5.42

Texto #1

Inês + Luís R.

[Olá aos dois. Lembrei-me desta para o programa. Será o programa experimental. 22e a emitir na semana próxima. A missão, caso a resolvam aceitar, consiste no visionamento de um vídeo. Excerto de um filme no YouTube:

[Batalha final do The Wild Bunch \(1969\).](#)

O tema do programa é o sangue. Gostava que para além de lerem o título, o que vos é pedido mais abaixo explicitamente, e num minuto resumissem a vossa impressão desta cena e de todo o sangue que nele jorra.

Interessa-me a vossa opinião a frio e em cima do evento. Podem sempre recusar. Mas recusar é como cobardemente alvejar o corajoso que de peito aberto afronta a salva de metralha escaldante. ☺]

[Ver o vídeo e dizer o que pensam. Repito o link:

[Batalha final do The Wild Bunch \(1969\)](#) (sigam o link).]

(0.0) 5.42

Música #1

Avant hier en un vert pre, ANON, Brigitte Lesne, "Ave Eva: Chansons de femmes XIIè & XIIIè siècles", faixa 14, Opus 111

(3.03) 8.45

Texto #2

Inês

soundscape: Excerto do programa do Provedor da RDP *Em nome do ouvinte* de 6 de Janeiro de 2007

soundscape: A Marcha Radetzky de Johann Strauss interpretada pela Wiener Johann Strauss Orchester dirigida por Willi Boskovsky

[*Como notei-te triste e abatida por via do desprezo a que te tenho votado em não te pedindo locuções. Aqui vai uma coisa pensada para a tua pessoa. ☺*]

Estimados ouvintes, para quebrar um pouco a monotonia e rechaçando com vigor o estilo sisudo e afectado que muitas vezes se tem por caracterizar a rádio clássica. Vou-vos contar uma pequena história, que espero, seja recebida com agrado por vós.

[*pausa curta*]

[*Pigarrear. Limpar a garganta.*]

Estavam o pai e a mãe tubarão calmamente a fluir a tarde de Domingo numa qualquer gruta do Atlântico Sul, que para o caso não interessa onde é exactamente. A mão tubarão passava a ferro o quepe de capitão que o pai orgulhasamente envergava por ter votado *não* no referendo à constituição europeia.

[*Um à parte teu.*]

Já agora e para que não restem dúvidas, um radialista deve saber onde tem o coração e eu sei.

[*Com enfâse. Com entrega.*]

Sim. Digo sim à constituição europeia. Porque acredito no projecto Europeu e de Portugal no seu seio.

soundscape: Cena da versão castelhana de *Dracula* (1931) realizado por Eduardo Arozamena: Renfield entra no castelo e encontra Drácula que o leva pelas escadas a cima.

(4.57) 13.42

Música #2

A La Una Yo Naci, ANON, Hespèrion XXI, “Diáspora Sefardi: Musica Instrumental”,
faixa 3, Alia Vox 9809B

(3.31) 17.13

Texto #3

Inês

soundscape: Genérico da telenovela brasileira *Gabriela* e som de um episódio.

[*Voltando à história.*]

Bom. Desculpem a interrupção. O pai tubarão lia a edição do “Sol” de 27 de Outubro de 1945. Que já agora, podem os mais curiosos verificar que se tratou de um Sábado mesmo, portanto dia de edição desse semanário. O pai tinha-o trazido agarrado a um cadáver de marinheiro ainda por esfacelar que por cavalheirismo cetáceo trouxe à sua querida tubaroa que andava de esperanças. Tinha sido mais um episódio não escrito da Batalha do Atlântico em que um

[*U boot pronunciado com sotaque alemão.*]

U boot tinha afundado um navio mercante. Era um navio português que transportava um escola de samba regressada de uma tournée pelo vasto império Ultramarino. Onde os esbeltos corpos tons de jade das dançarinas da escola fizeram furor com os seus jeitos e trejeitos na dança brasileira.

[*pausa curta*]

Nunca um torpedo fora tão cruel e insensível à estética universal.

(0.0) 17.13

Texto #4

Luís R.

soundscape: Cena do filme de Sam Peckinpah *Iron Cross* (1977):
Genérico — coro de crianças interpreta a canção tradicional alemã
Hänschen klein.

[Nota: Comentário da autoria de Luís Ramos ao visionamento da cena da batalha final do filme *The Wild Bunch* de Sam Peckinpah.]

Sangue. Sangue. Fazer sangue. Comer sangue. Dar sangue. Estar sem sangue.

De repente o México parecia o Alentejo. O sumo de tomate também é muito usado para substituir o sangue. Ah não, nunca gostei de westerns, nem aos quadrinhos.

Silêncio! O sangue escorre da garganta. Bala por bala. Sangue por sangue. É tudo tomate. O verdadeiro sangue é um mito.

Agora estou a ficar sem sangue.

(3.17) 20.30

Música #3

Le Tableau de l'Operation de la Taille, V.108, MARIN MARAIS, Jordi Savall, "Pièces de viole du cinquieme livre", faixa 18, Astrée

(3.00) 23.30

Texto #5

Inês

soundscape: Cena do filme de Tod Browning *Dracula* (1931): Conde Drácula apresenta-se ao Dr. Seward e amigos no camarote do teatro durante um concerto.

soundscape: Cena do filme de Sam Peckinpah *The Wild Bunch* (1969): Batalha final entre a "Quadrilha Selvagem" e o exército revolucionário mexicano.

[*Voltando à história.*]

Estava o nosso casal de tubarões brancos a ouvir rádio numa solarenga tarde dominical. Com bandeira verde na praia das Maças e muita gente na água.

[*pausa curta*]

De repente ouvem no rádio:

[*Fazer papel de locutor*]

O consagrado autor cujo nome está ilegível pois foi escrito a lápis e deixaram cair água em cima, escreveu e dirigiu para Vo-xelências a peça de aventuras policial:

[*Um momento de suspense. Lido com ênfase dramático. Vender o peixe.*]

Há sangue no rádio

Oiçam como os poderes dedutivos do inspector Teixeira da Judiciária permitem a partir de sangue no rádio descobrir o criminoso.

[*Volta ao tom anterior da locução.*]

Não, não, estimada ouvinte. Sei que essa sua cabecinha não para. Não foi o técnico de rádio, DVDs, ecrãs de plasma, cinema em casa, tarólogo, e terapeuta Reiki. Não foi...

[*pausa curta*]

[*Voltas à história original.*]

Nisto diz o pai tubarão:

— Mãe há sangue na rádio: vamos fazer uma matança.

Ostentando orgulhasamente o seu quepe “Oui à l’Europe”, e a mãe envergando os seus óculos de mergulho Money Monet garantidos até 350 m de profundidade, zarpam ondulando com vigor as suas desossadas carcaças em direcção ao posto emissor de rádio na praia das Maças. Onde sentado na esplanada o inspector Teixeira degusta um capilé gelado que flui com abandono pelo seu esófago abaixo, sem suspeitar que antes do sol se pôr será repasto de

[*Nome latim do tubarão branco.*]

Carcharodon carcharias

soundscape: Cena da versão castelhana de *Dracula* (1931) realizado por Eduardo Arozamena: Drácula explica a Renfield a necessidade do sangue para a vida.

(5.53) 29.23

Música #4

Continuum für Cembalo (1968), GYÖRGY LIGETI, Eva Nordwall, "Trio für Violine, Horn und Klavier; Passacaglia ungherese/Hungarian Rock/Continuum; Monument; Selbstportrait, Bewegung", faixa 7, BIS

(4.07) 33.30

Texto #6

Inês

soundscape: Cena do filme de Tod Browning *Dracula* (1931): Van Helsing explica aos colegas os factos que se deparam como sendo obra de um vampiro: Nosferatu.

Mas é claro que o inspector Teixeira estava era de olho na menina surfista cujas linhas de nível da sua perfeita anatomia o seu oleado fato-de-borracha deixava perceber, enquanto escorria para a areia o seu cabelo castanho já tingido de louro pelo sol e as gotículas de sal deslizavam languidamente pela suas bochechas abaixo.

[Um aviso.]

Para os ouvintes pré-pubescentes e para os com dúvidas acerca da sua masculinidade. Não a imaginem como a *Lara Croft* por favor. Isto é a *rádio*. Deixem o universo dos jogos vídeo fora disto.

[pausa curta]

Nisto chega o garçon que acorda o inspector de forma brusca do seu devaneio surfista.

(0.0) 33.30

António

soundscape: Cena do filme de Sam Peckinpah *The Wild Bunch* (1969): Batalha final entre a “Quadrilha Selvagem” e o exército revolucionário mexicano.

[*Um sotaque da Beira Alta/Alto Douro. Chabes como é achim, perchebes? ☺*]

Queira vossa chelência dechculpar. Mas de momento não temos charutos da *Cabra hemafrodita*. Temos sim da marca *Lama partenogenético* que oferece como brinde um postal do primeiro dia do selo comemorativo dos 400 anos de novelas brasileiras.

[*pausa curta*]

[*Um comentário feito com um tom de desaprovo. Como se fizesses aquele gesto de que faltam parafusos.*]

Vó-chelênxia queira desculpar mas...estas manias da novidades... (0.0) 33.30

Inês

[*Falas pelo inspector Teixeira.*]

Sabe caro Albino. Se o Pedro Álvares Cabral traz as mulatas e as telenovelas e deixa-se lá os tipos sózinhos amanharem-se com o ouro estavam nós bem. Tinhamos aqui um país que era um brinco. (1.52) 35.22

Música #5

Vos que m'semblatz dels corals amadors, GAUCELM FAIDIT, Hespèrion XX, “Cansós de Trobairitz”, faixa 1, Virgin

(3.57) 39.19

Texto #7

António

soundscape: Cena do filme de Tod Browning *Dracula* (1931): Mina Seward explica ao Dr. Van Helsing e ao namorado (John Harker) o sonho estranho que ela teve.

[*Novamente o garçon*]

Sim, senhor. Agora que vó-chelêchia torceu o pescoço à pita. É mesmo isso. Olhe eu trocava logo a minha Maria por uma ou duas mulatas. Ainda estou aqui para as curvas.

[*Risinho malandro, velhaco, canalha.*]

Eh, eh, eh.

(0.0) 39.19

Inês

[*O Teixeira*]

E o que é que fazia à sua Maria? Ela trata bem de si do que vejo. Está limpo e passeia aí uma bela pança. Olhe para isso: parece que está prenhe.

(0.0) 39.19

António

[*O garçon. Num tom de desdém.*]

Ahhhhhh, ora essa. Carro que chia leva o mato mas espanta o gado que anda a pastar. Está-me a percheber?

[*Um piscar de olhos. Novo risinho malandro.*]

Eh, eh, eh,

(0.0) 39.19

Inês

[*O Teixeira com um ar irónico.*]

Tenha cuidado Albino. Veja lá o que diz. Ainda vai preso. Ponha-se a pau.

[*Riso troçista sem consideração nenhuma pela pobre Maria. O tipo de conversa que os homens gostam de fazer sobre as mulheres quando elas não estão.*]

Eh, eh, eh.

soundscape: Trailer do filme *Straw Dogs* (1971) de Sam Peckinpah

(3.48) 43.7

Música #6

Arrivée En Italie/Canarios, SAVINIEN CYRANO DE BERGERAC/GIOVANNI GIROLAMO KAPSPERGER, Benjamin Lazar et al., "Le Monde Ou Les Etats Et Empires De La Lune (CD2)", faixa 21, Alpha

(2.46) 45.53

Texto #8**Inês**

soundscape: Cena do filme de Tod Browning *Dracula* (1931): Van Helsing mostra Drácula um espelho em casa de Dr. Seward. Este reage partindo o espelho.

[*Voltas a ser a narradora.*]

Como de costume o inspector Teixeira não pagou o capilé. O Sr. Artur, o dono do café, já o conhecia. E sabia que ele era gente fixe. daquelas a que nos podemos agarrar quando as vagas alterosas da vida varrem com violência o convês da nossa alma.

[*pausa curta*]

Foi até ao “casino”. Uma tenda infecta onde jazem restos de peixes mortos da praça da manhã já semi-putrefactos, e que há tarde tem máquinas de flipper à antiga: completamente electromecânicas. Restauradas pelo neto do tio João. Um velho sucateiro hidrófobo, que exala da boca um bafo mais letal que o raio da morte.

[*pausa curta*]

Diz o tio João do fundo da sua pestilenta cloaca. Isto é tudo obra do meu netinho. Isto é tudo electrónica analógica discreta. Inté tem bálbulas. Bálbulas? Vejam bem?

[*pausa curta*]

Entre o cheiro a peixe podre e o hálito do tio João, dêem-me o peixe podre todos os dias.

(2.01) 47.54

Música #7

Variatio 29 a 1 ovvero 2 Clav, JS BACH, Pierre Hantaï, “Goldberg Variations”, faixa 30, Opus 111

(2.02) 49.56

Texto #9

Inês

soundscape: Cena do filme de Tod Browning *Dracula* (1931): Drácula aconselha Van Helsing a voltar ao seu país. Duelo entre os dois.

Debruçado sobre a muralha da praia. Teixeira inspecciona os banhistas e em particular as banhistas. Apercebe-se de repente de um boné de marinheiro com a pala esmerosamente bordada com a inscrição “Oui à l’Europe” que flutua perto das escadas de acesso ao cais.

[*pausa curta*]

Intrigado as suas células de polícia levam-no a averiguar. E depois se não desse em nada sempre ficava com um boné. Valia a pena tirar as peúgas e descalçar o seu sapatinho catita de verniz. Assim foi.

[*pausa curta*]

Descalço lá foi descendo, degrau a degrau, muito lentamente tateando onde por os pés, pois era praia-mar e os degraus estavam submersos.

[*pausa curta*]

[*Salto para os ouvintes.*]

Zás!

Corta-se num saca-rolhas abandonado aberto na praia durante a baixa-mar por um veraneante insalubre. Começa a sangrar. Instintivamente desce mais e lava o pé na água salgada cheia de

[*Mais um nome em latim de umas bactérias que vivem nos intestinos e que saiem para passear por esses rios abaixo.*]

Escherichia coli e cádmio. Eis senão quando sente um esticão e foi a última coisa que se lembra. Depois só os dentes aguçados como histúris a triturar o seu corpo, com o sangue a jorrar abundantemente tingindo a água de vermelho.

[*pausa longa*]

[*Um fim muito definitivo. Muito seco. Fim do programa. Fim do homem, fim da história.*]

Fim.

soundscape: Som subaquático de um grupo de tubarões e mergulhadores.

(2.57) 52.53

Música #8

11. *Bild*, OLGA NEUWIRTH, Klangforum Wien, “Bählamms Fest”, faixa 5, Kairos

(3.26) 56.19

Fecho

Inês

soundscape: Seu Jorge canta “Cheterton” de Serge Gainsborough

soundscape: trailer do filme de Sam Peckinpah *Bring me head of Alfredo Garcia* (1974)

[Nota: Comentário da autoria de Inês Forjaz ao visionamento da cena da batalha final do filme *The Wild Bunch* de Sam Peckinpah.]

Pedem-me que veja um excerto de um filme na internet. Bum bum, bum bum. Dão-me um minuto para dizer qualquer coisa sobre o assunto. Tic tac tic tac. Sigo a pista, curiosa. Mas passados escassos segundos, a cena começa a entediá-me. Reparo que o vídeo tem 8 minutos. E então faço batota? pego no rato e com um simples click salto para o meio do filme.

Vejo agora uma espécie de batalha pouco credível e o meu cérebro volta a desligar-se da imagem. Percebo que a ideia de ficar 8 longos minutos a olhar para um vídeo me impacienta. E então sinto-me cúmplice da pior doença do século XXI. Não ataca o sangue, esta doença. Ataca a paciência. Ataca o conhecimento. Estupidifica. É por isso que no século XXI não interessa o que se comunica, mas como se comunica. Em quanto tempo se comunica. Sete minutos, dizem eles, é o tempo máximo de atenção do ouvinte de rádio.

Imagino então o dia em que o sangue se torna também impaciente. Deixa de passar por todas as veias. É que o percurso demora demasiado tempo. O sangue há-de deixar de irrigar alguns tecidos, algumas partes do corpo. Primeiro os pés... depois as mãos? até chegarmos ao ponto em que não nos restará uma gota de sangue no cérebro. Tic tac tic tac? bum bum, bum bum?

[pausa média]

podcast e muito mais em

ouvido de maxwell ponto com

(2.18) 58.37

Tempo total: 58.37